

**QUANDO A
AUSÊNCIA
APRENDE O NOSSO
NOME**

*A ressurreição da consciência, o fim da
autopiedade e a fundação de um império
sobre as ruínas.*

P A R T E V

J E F F M A R C O N I S

(J E F F E R S O N M A R C O N I S L I M A S I L V A)

A METAMORFOSE DAS RUÍNAS

Nós declaramos no livro anterior que o luto havia sido aceito e que a nossa identidade, falha e humana, estava posta sobre a mesa. Muitos acreditaram que a jornada terminaria ali, na constatação de que 'somos a soma das nossas ruínas'. Mas o Marconismo não é uma filosofia de conformismo. É uma tática de guerra para a vida adulta.

*A **PARTE V** não é sobre chorar o que perdemos. É sobre o que fazer no dia seguinte. É sobre*

acordar na manhã posterior ao velório das próprias ilusões e decidir construir um império. O homem que foi rasgado pela ausência não pode viver para sempre como um mártir da própria dor. Ele precisa se levantar, limpar as cinzas do rosto e reinar sobre a própria mente.

Este quinto volume é a transição definitiva da dor para a ação. Da vítima para o engenheiro da própria existência. O silêncio da ausência não nos assusta mais; agora, nós é que ditamos o tom desse silêncio.

* * *

DEDICATÓRIA AO LEITOR

A você, que leu o seu próprio testamento na Parte IV e, ainda assim, acordou hoje com os pulmões exigindo ar.

Dedico esta obra aos que cansaram de lamber as próprias feridas e decidiram transformá-las em couro grosso. Aos que compreenderam que a autopiedade é o ópio dos covardes.

E a Deus, a força invisível que nos empurra para a frente quando tudo o que queremos é permanecer paralisados.

CAPÍTULO I

A Manhã Seguinte à Morte do Ego

*"Não é o sofrimento que enobrece o
homem. É a recusa absoluta e
silenciosa em ser definido por ele."*

— JEFF MARCONIS

A grande falácia das histórias de tragédia e superação é a crença de que, após você aceitar os seus traumas, a vida toca uma música suave e resolve os seus problemas. Nós escrevemos um testamento na Parte IV. Nós enterramos as versões anteriores de nós mesmos. Nós confessamos que éramos falhos, infantis, medrosos e humanos.

Mas o sol sempre nasce na manhã seguinte.

O que acontece quando você acorda sabendo que não há mais desculpas? Não há mais como culpar o abandono do seu pai, as lágrimas em silêncio da sua mãe, ou a pessoa que foi embora e te deixou olhando para a parede. A ausência já não é uma desculpa válida para a sua paralisia.

A manhã seguinte à morte do ego é o momento mais aterrorizante da vida humana. Você está nu. O luto cumpriu o seu papel: queimou o mato seco. Agora o terreno está limpo. Se a sua casa mental

continua suja e desorganizada, a culpa, a partir de hoje, é inteiramente sua. A Parte V começa com esta premissa implacável: o fim da terceirização da culpa.

* * *

CAPÍTULO II

O Fim da Autopiedade

"A autopiedade é um quarto escuro e confortável. Ele te protege do vento lá fora, mas lentamente asfixia a sua alma."

— JEFF MARCONIS

Nós, como geração, nos tornamos especialistas em acariciar as nossas próprias feridas. Criamos clubes virtuais onde competimos para ver quem foi mais traumatizado, quem tem a mente mais caótica, quem foi mais machucado pelo sistema ou pelos relacionamentos.

O romantismo da dor é um veneno letal. Se você baseia a sua identidade inteira no fato de que você foi abandonado ou

traído, o que vai sobrar de você se um dia
você se curar? Nada.

Para construirmos o edifício da
nossa vida adulta aos vinte e poucos anos, o
tijolo da autopiedade precisa ser esmagado
a marretadas. Sim, a vida foi injusta. Sim, a
sociedade cobra uma performance
impossível. Sim, amores viraram pó.

E daí?

A matemática do universo não deve
nada a você. Nós já dissecamos a dor nas

quatro obras anteriores. Já demos a ela todo o palco que ela merecia. A partir deste capítulo, nós decretamos que a dor perde o microfone. Ela vai sentar na última fileira do teatro da sua mente, calada, enquanto você reassume a direção do espetáculo.

* * *

CAPÍTULO III

A Estética das Cicatrizes

*"Tudo o que é construído sobre a
mentira exige manutenção constante
e exaustiva. A verdade se sustenta
sozinha, mesmo na tempestade."*

— JEFF MARCONIS

A cultura da estética superficial exige a ausência de marcas. Os rostos nos ecrãs são lisos, as histórias são contadas com filtros de luz perfeita. Quando a realidade brutal das nossas raízes nordestinas, do Seridó, dos nossos atritos domésticos e da fome de conhecimento se chocam com essa vitrine, há uma tendência em querer esconder de onde viemos.

Mas a estética do Marconismo é a estética do kintsugi, a arte milenar japonesa

de consertar cerâmicas quebradas com ouro. O vaso que foi estilhaçado e remontado não esconde as suas rachaduras; ele as ilumina.

Eu tenho vinte e três anos. Não tenho uma vida impecável para exhibir para quem me odeia, mas eu tenho cicatrizes muito bem desenhadas. O homem de verdade ostenta as suas fraturas não para que os outros sintam pena, mas como certificados de garantia de que ele foi ao

inferno, negociou com os demônios, e conseguiu voltar andando.

A beleza não reside naquilo que nunca foi testado. A beleza majestosa e inegável reside naquilo que foi violentamente testado pelas chamas da vida e se recusou a derreter.

* * *

CAPÍTULO IV

O Amor no Tempo da Finitude

*"No meio do inverno, aprendi que
havia em mim um verão invencível."*

— ALBERT CAMUS

Nós passamos anos apavorados com o fim do amor. A síndrome do membro fantasma nos fez acreditar que não suportaríamos outra amputação. Com isso, muitos de nós se tornaram covardes. Deixamos de amar ou passamos a amar de forma anestesiada, morrendo de medo do próximo adeus.

A libertação que se alcança nesta quinta fase da nossa jornada é a aceitação radical da finitude. O amor verdadeiro, na

vida adulta, não é um contrato irrevogável assinado em sangue, jurando que nada vai mudar. É a coragem poética de olhar nos olhos de alguém e saber, com clareza cristalina, que um dia aquilo vai acabar.

E pode acabar pela morte física, pelo fim da atração, pela divergência de caminhos ou pelo desgaste do tempo. O amor maduro não nega o fim; ele o abraça.

Quando você aceita que a pessoa sentada no banco do carro ao seu lado pode não estar ali no próximo ano, a urgência de

ser honesto, de aproveitar o calor do momento e de não perder tempo com orgulhos estúpidos toma conta do seu ser. O medo de perder destrói o romance; a certeza de que tudo é finito o purifica.

* * *

CAPÍTULO V

A Matemática do Perdão

"O ressentimento é o assassino mais silencioso da alma humana. Você bebe o ácido imaginando que está corroendo as veias do seu inimigo."

— JEFF MARCONIS

Nas obras anteriores, estabelecemos que o perdão era cortar o cordão umbilical, a legítima defesa. Agora, nós elevamos isso à categoria de tática de engenharia existencial.

Guardar raiva consome energia psíquica. Relembrar a injustiça sofrida, repassar mentalmente o que você deveria ter dito naquela briga há dois anos, stalkear a vida de quem não te valorizou... tudo isso consome banda larga do seu cérebro

biológico. Você está gastando energia computacional vital com processos em segundo plano que já deveriam ter sido fechados.

A matemática do perdão é capitalista. Não perdoe porque você é um santo, porque os céus ordenam ou porque o seu agressor merece o seu perdão. A grande maioria não merece sequer o seu olhar.

Perdoe e solte a âncora unicamente porque a sua energia é cara, o seu tempo na Terra é estupidamente curto, e os seus

objetivos de vida exigem 100% da sua capacidade neural. Ninguém que constrói um império tem tempo de odiar mediocres.

* * *

CAPÍTULO VI

A Sobrevivência à Própria Mente

*"O ser humano vive ansioso porque
passa 90% do seu tempo lutando
contra coisas que só existem na
arquitetura de sua imaginação."*

— JEFF MARCONIS

A mente acelerada de um jovem mergulhado em estudos profundos — seja direito, filosofia, algoritmos ou história — é uma máquina de antecipar catástrofes. O intelecto que nós cultivamos para não sermos enganados pelo mundo é o mesmo intelecto que cria roteiros de terror enquanto tentamos dormir.

Eu entendi que a inteligência sem doma é autodestrutiva. A nossa maior guerra, como confessei no Testamento da

Parte IV, é contra nós mesmos. A mente projeta cenários onde a ausência retorna com mais força, onde o fracasso nos humilha publicamente, onde o futuro desmorona.

A sobrevivência na Parte V exige a criação do 'Ponto de Fricção'. É a habilidade estoica de separar o que é um fato do que é uma dedução esquizofrênica do nosso ego ferido.

A mensagem não foi respondida.
Fato. A pessoa não te ama mais e está rindo

de você. Dedução covarde da sua mente insegura. Parar de sofrer por antecipação e atirar flechas apenas contra os demônios que já se materializaram na sua frente é o segredo militar dos grandes generais da própria vida.

* * *

CAPÍTULO VII

O Abandono das Armaduras

*"A armadura que te protege do corte
da espada do mundo é feita do
mesmo chumbo pesado que te
impede de correr livre em campo
aberto."*

— JEFF MARCONIS

Durante toda a minha trajetória, o preto foi a cor de proteção. O autodidatismo, a frieza inicial, a distância calculada, o silêncio denso... tudo isso foram as chapas de aço que eu soldei em volta do meu peito para garantir que ninguém mais invadisse a minha casa mental.

As armaduras foram essenciais na Parte I e II. Elas me mantiveram vivo quando os atritos domésticos e o luto tentaram esmagar a minha coluna cervical.

Mas a vida após os vinte anos apresenta um enigma aterrorizante: um homem de armadura não consegue abraçar ninguém.

Chega o estágio em que a proteção se torna a própria prisão. A solidão cessa de ser uma escolha estratégica e passa a ser uma condenação inevitável.

O maior ato de força brutal que um ser humano pode executar na fase adulta não é erguer um escudo intransponível. É ter a absoluta coragem de desamarrar a armadura no meio do campo de batalha,

olhar para o desconhecido e aceitar que
você pode ser alvejado. Mas que, se for
alvejado, você confia plenamente na sua
capacidade biológica e filosófica de
cicatrizsar novamente.

* * *

CAPÍTULO VIII

O Silêncio Como Resposta Suprema

"Nem toda indignação exige um discurso. O silêncio lúcido de quem sabe exatamente o seu próprio valor ensurdece mais do que qualquer grito."

— JEFF MARCONIS

Nós dissecamos a inutilidade de tentar 'ter razão' na terceira obra da série. A queda da ditadura da razão nos ensinou que os argumentos lógicos não vencem o caos do afeto. Mas a prática do dia a dia exige disciplina.

Vivemos numa sociedade hiper-reativa. Tudo é motivo para barracos digitais, indiretas, exposições e discussões desgastantes para provar pontos morais em redes sociais ou em mesas de bar. Nós

consumimos o nosso precioso oxigênio tentando consertar a burrice e a má-fé alheia.

A grande virtude que inauguro na Parte V é a blindagem do silêncio seletivo. Quando você testemunha a deslealdade de um amigo, a mentira conveniente de um colega, ou a ausência premeditada de um amor... não exploda. Não invista a sua energia para cobrar explicações de quem já sabe muito bem o que fez.

O recuo silencioso não é covardia. O silêncio marconista é a constatação imperial de que a outra pessoa não possui o tamanho intelectual ou afetivo necessário para receber a sua resposta. Apenas afaste-se e deixe que a própria vida e o tempo cobrem a fatura deles.

* * *

CAPÍTULO IX

A Geração Descartável

*"Nós estamos adoecendo não porque
somos fracos, mas porque estamos
tentando construir templos de pedra
em cima de areia movediça."*

— JEFF MARCONIS

Eu pertenço à Geração Z. Crescemos com o mundo na palma da mão e com a taxa de suicídio batendo nas nuvens. Nós assistimos aos vínculos tornarem-se mercadorias que podem ser descartadas com um clique e um bloqueio de tela.

O medo de se conectar gerou a cultura do desapego tóxico. As pessoas ostentam a frieza como se fosse uma virtude sofisticada. 'Eu não ligo para ninguém', dizem eles, enquanto sangram

em segredo nos banheiros e tomam antidepressivos para suportar o eco dos próprios quartos.

A resistência filosófica desta obra é remar agressivamente contra a maré do cinismo moderno. Aceitar a finitude do amor (Capítulo IV) não significa tratar o outro como lixo reciclável. Significa amar com intensidade digna enquanto durar.

Eu recuso, terminantemente, a entrar no jogo da frieza. Se o custo de ser humano e intenso é ser visto como estranho

por uma geração de corações anestesiados,
que assim seja. Eu prefiro ser o louco que
sangra de verdade do que o indivíduo 'cool'
que está morto por dentro.

* * *

CAPÍTULO X

*A Dança com os Fantasma*s

*"Os fantasmas das pessoas que
fomos não desaparecem. Eles
sentam no fundo da sala e observam
o homem que nos tornamos,
acenando em aprovação."*

— JEFF MARCONIS

A ausência, que outrora era o monstro letal que batia na porta e devorava o meu sono, foi finalmente domada. Eu não expulsei os meus demônios e fantasmas; eu aprendi a domesticá-los. Se você matar todos os seus demônios, a sua arte também morre.

As lembranças dolorosas do Seridó, a ausência de figuras que falharam, os romances que me estilhaçaram... eu não sofro mais para apagá-los do disco rígido da

mente. Eu deixo que eles caminhem ao meu lado. Eles me lembram diariamente de quem eu já fui, do que eu sobrevivi, e das fronteiras que eu não quero cruzar novamente.

A ansiedade crônica virou alerta de segurança. O luto pelas coisas perdidas virou reverência pelo que eu tenho nas mãos hoje.

Esta é a grande dança da vida adulta. Você pega a mão do seu próprio trauma e conduz os passos. A ausência não

aprendeu apenas o meu nome; eu é que aprendi o nome da ausência. Eu a olhei nos olhos e disse: 'Você vai me servir de matéria-prima literária até o meu último dia'.

* * *

CAPÍTULO XI

A Fundação do Império

*"A verdadeira vingança contra a
tragédia não é devolver a dor. A
vingança absoluta é levantar um
império sobre o terreno onde
tentaram te enterrar."*

— JEFF MARCONIS

Nós cruzamos as pontes. O menino de 2003, nascido no Nordeste, que não se encaixava no sistema, que teve um hiato na escola e precisou encontrar o mundo por conta própria através de códigos e livros empoeirados, finalmente assina a própria alforria.

O Marconismo deixa de ser apenas uma doutrina de sobrevivência e se torna, oficialmente na Parte V, uma matriz de construção.

O que faremos agora com o tempo que nos resta e com a consciência absurdamente lúcida que conquistamos? Nós faremos história. Focaremos nos estudos com fúria. Construiremos pontes financeiras, estruturais e intelectuais. Ergueremos as nossas próprias colunas romanas, sabendo muito bem que um dia elas também cairão.

Eu construo o meu império psicológico sabendo da sua futilidade cósmica, e construo-o com o mesmo

cuidado apaixonado com o qual eu faria se ele fosse durar para sempre. O objetivo não é o monumento ficar em pé após a minha morte; o objetivo é a grandiosidade de tê-lo construído enquanto o meu sangue ainda corria quente.

* * *

CAPÍTULO XII

A Responsabilidade da Permanência

*"Eu sou inteiramente responsável
pelo que restou de mim. O universo
pode até ter segurado o martelo que
quebrou as minhas janelas, mas
serei eu a varrer os vidros do chão."*

— JEFF MARCONIS

Chegamos ao último capítulo da linha de pensamento que sustentou esta jornada desde a Parte I. A constatação final de que o vitimismo é uma doença parasitária que nos convence de que o mundo nos deve alguma coisa. O mundo não nos deve nada. Nós é que devemos o nosso suor à dádiva de estarmos vivos.

As pessoas sempre me perguntam: depois de mapear a ausência, de dissecar os traumas, de quebrar a razão e abraçar o

Luto, o que nos resta? A resposta soa com um estrondo de canhão.

Resta o livre-arbítrio brutal. Resta a folha em branco da manhã seguinte. Resta a responsabilidade indelegável e absoluta pela nossa própria felicidade e paz de espírito.

Ninguém virá no cavalo branco nos resgatar das nossas madrugadas sombrias. O salvador que nós passamos a primeira, a segunda e a terceira obra esperando não existe. O salvador da sua história, o único

indivíduo capaz de te puxar do abismo
pelos cabelos, é você mesmo.

* * *

O TESTAMENTO DE UM HOMEM QUE CONSTRÓI

*Se um dia eu não estiver mais aqui
para defender a minha própria voz...*

*Saibam que eu não fui derrubado pela
tempestade.*

*Eu aprendi a me tornar a própria
tempestade.*

*Deixem registrado nas folhas brancas que o
homem que passou quatro livros chorando
pelas paredes da ausência e pela frieza das
máquinas... morreu.*

*Ele foi enterrado sob as próprias reflexões. E
do seu sangue frio e metódico, nasceu
alguém que recusa a pena, recusa o papel de
vítima e recusa a mediocridade do mundo
anestesiado.*

*Eu passei a minha juventude questionando
por que as coisas acabavam, por que o amor
falhava, por que a minha mente criava
fantasmas.*

Hoje, eu questiono o contrário.

*Como é que nós temos a audácia de
desperdiçar os batimentos do coração que
nos restam, sofrendo pelo que já passou?*

*Como ousamos reclamar do silêncio se foi ele
quem nos devolveu a audição?*

*A Parte V não é um pedido de desculpas por
ter sofrido.*

*É o selo de encerramento da fase da
reclamação cósmica.*

A partir de hoje, nós construímos.

*Nós usamos o conhecimento brutal do
Direito, a lógica cruel dos Algoritmos, a
visão cirúrgica da Filosofia e o corte
transversal da Literatura para construir
paredes maciças.*

*Não meçam a grandeza da minha obra pelo
quanto ela explica o Luto.*

*Meçam a grandeza desta obra pela forma
como ela destrói as desculpas para não viver.*

***Portanto, na última página que se
destina à minha memória, escrevam a
verdade incontestável:***

Ele não esperou a dor passar.

Ele usou a dor como cimento fresco.

*Ele amou o fim do romantismo, abraçou a
solidão pacífica, domou o egoísmo e se
recusou a viver a sua curta passagem na
Terra como um figurante assustado num
teatro de sombras.*

O luto me disseçou na mesa de cirurgia.

*O luto rasgou o meu nome na pele da
ausência.*

***Mas a Permanência me devolveu o
fôlego.***

*Eu não sei o que me espera amanhã na
cidade de Natal.*

*Eu não sei se serei traído novamente ou se
falharei de novo.*

***Mas hoje, com os pés sobre as
ruínas, eu decreto: eu estou vivo. E
eu vou ditar as regras.***

* * *

O HOMEM POR TRÁS DO PRETO

Nascido no dia 23 de fevereiro de 2003, Jefferson Marconis Lima Silva é da linhagem daquelas almas atipicamente velhas, que chegaram aos vinte e poucos anos carregando a impressão profunda e quase esmagadora de já terem caminhado e vivido em diversas eras e vidas consecutivas.

Um jovem que teve os olhos moldados ao observar de perto a juventude envelhecer precocemente diante das falhas sistêmicas na arquitetura dos afetos, dos lutos rasos, dos abandonos paternos e da sucessão de despedidas que ninguém nunca pede, mas que a todos nós formata de forma drástica e irrevogável no silêncio das madrugadas.

Ele transformou o chumbo quente da própria dor existencial — desde os atritos violentos expostos sem nenhum tipo

de anestesia na mesa de autópsia do seu segundo livro, transcorrendo pela tentativa inútil e genial de substituir o instável calor humano por códigos numéricos —, em uma indestrutível e magnética trincheira literária e filosófica.

Abdicando da posição ilusória de um acadêmico estático que defende teorias póstumas isolado em torres de marfim inalcançáveis, Jefferson assumiu-se publicamente perante a sociedade como o que ele sempre foi no íntimo: um pensador

visceral da Geração Z. Um autor incisivo que sequestrou as ferramentas brutais da vida real, dos estudos famintos iniciados em 2023, e da banalidade, para pavimentar as bases sólidas e inquestionáveis do que conhecemos como "Marconismo".

Uma doutrina afiada de sobrevivência e reengenharia da inteligência emocional, que decreta com precisão cirúrgica o fim da autopiedade, a morte da razão destrutiva e ergue a bandeira de uma consciência pacífica e

inquebrável. É a aceitação irrestrita e filosófica da 'Lei da Dupla Liberdade', da finitude do amor e da inevitável solidão cósmica de se estar existindo, como os únicos pilares válidos de uma vida verdadeira.

Escreve, portanto, não com o objetivo vaidoso de encenar vitrines de virtudes fabricadas e impecáveis para agradar uma sociedade forjada em materiais plásticos, efêmeros e hipócritas; escreve, sim, para entregar todo o sangue

do seu propósito mais genuíno às páginas para aqueles que têm coragem de suportar o peso intelectual da leitura.

Seu objetivo máximo é pavimentar um farol impiedosamente honesto, ajudando e segurando as mãos daqueles leitores que esbarram no seu trabalho a também suportarem, com dignidade, ação e compreensão espiritual, o imenso, cruel e maravilhosamente caótico peso de se estar vivo na Terra construindo o próprio amanhã.

Jeff Marconis
(Jefferson Marconis Lima Silva)

Natal, Rio Grande do Norte, Brasil
5 de outubro de 2026

*No silêncio das dunas, com os olhos fixos na maturidade do
meu 24º ano, em 23 de fevereiro de 2027.*